

Choriro

Ungulani Ba Ka Khosa

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



A Salomé, óbvio

*Às médicas Ana Olga Mocumbi
e Luísa Panguene,
minhas infalíveis curandeiras nos ossículos da modernidade*

Nota do autor

Este retrato de um espaço identitário, de uma utopia que se fez verbo, assentou na rica e impressionante história do vale do Zambeze no chamado período mercantil. A intenção do livro foi o de resgatar a alma de um tempo, a voz que não se grudou aos discursos dos saberes. O fundamento histórico valeu-me como porta de entrada ao mundo de sonhos e angústias por que o vale do Zambeze passou durante mais de quatro séculos.

Aos que me abriram as portas, a referência maior fica para Allen e Barbara Isaacman, casal iluminado na reconstrução do edifício social, económico, político e cultural do vale do Zambeze desde a primeira escopetada de um desconhecido português em finais do século XVI. Outras portas e janelas foram franqueadas no inesgotável manancial que o Arquivo Histórico oferece aos que buscam tochas para o seu passado.

Sempre imerso no seu sonho, bebeu duma vez o chá morno. Estava amargo.
A glória, como vós sabeis, é uma coisa amarga.

YUKIO MISHIMA

A notícia correu célere. Os batuques, em profundos e largos tons, rufaram em toda a plenitude durante três dias e três noites por todo o reino. Os chuangas fizeram chegar aos pontos mais distantes a notícia de que Luís António Gregódio, o mambo das terras a norte do rio Zambeze, havia morrido sem sobressaltos durante a madrugada de quinta-feira.

Aos próximos, gente grada, a notícia da morte não os colheu de surpresa, pois a enfermidade que tocara Gregódio levava-os a privar com ele na intimidade dos seus aposentos durante as semanas de agonia do mambo. Chicuacha fora dos primeiros, entre as figuras de relevo do reino, a dar-se conta da gravidade da doença que amarrava à cama o branco Gregódio.

Tirando este e aquele tributo, Chicuacha não gozava de um estatuto hierárquico especial, mas era respeitado por todos, não por ser branco como o Gregódio, mas pela sua notória capacidade de aculturação que remontava aos tempos em que queria largar a sotaina, vestimenta de pouca valia nos sertões africanos, por ser incómoda e de significado algum para os cafres, mas de proveitosa serventia na protecção física, pelo seu valor espiritual, ante as constantes e inesperadas arremetidas de facínoras e burlões que medravam o vale do Zambeze à busca de escravos e presas de elefante de tanta procura no Vice-Reinado das Índias. Mas o ardente e inclemente clima tropical foi adiando tal decreto, por motivos que não lhe vinham à mente, até ao dia em que tomou, não por

mero arrebatamento ou cansaço, mas por decisão espiritual-mente assumida, o acto de abandonar as batinas e os escritos sagrados que o acompanharam nas monoteístas aventuras sagradas por terras do além-mar, quando nas terras de Gregódio viu, com todo o espanto do mundo, os cafres a manufacturarem a pólvora à base da casca de uma árvore, misturada com salitre ou terra empapada de ácido de urina de coelho. Feita a mistura, queimavam-na, e dela extraíam a pólvora por entre os resíduos carbonizados.

Perante tal feito, inaudito em mentes concebidas como selvagens, António Gonzaga, de nome, e Chicuacha de alcunha, abjurou os pecaminosos adjectivos que ainda sobravam no seu diminuto léxico sobre o modo de vida dos pretos da savana e, sem espantar ninguém, abandonou em definitivo o incómodo hábito de padre que trouxera de Lisboa concubinando-se em seguida, num gesto não desusado entre os servidores de Deus, com Fita, uma das acólitas dos swequiros ou mubalas de Gregódio, chefe das terras da margem norte do Zambeze, a três dias de marcha forçada da fronteira mais a sul, a feira do Zumbo, o mais longínquo entreposto português a montante do rio.

Coberto até ao pescoço por um lençol, o corpo de Luís António Gregódio estava deitado na cama. Quem o visse apercebia-se pelo rosto sereno e tranquilo que recebera a morte com a certeza de que o seu espírito estaria para todo o sempre entre os vivos da terra que erigira como seu reino. A rodeá-lo, as seis mulheres, os filhos, e os maiores do reino. Destes, o seu lugar-tenente, o muanamambo Makula Ganunga; o responsável dos ferreiros, o messiri Tyago Chicandari; o responsável junto à realeza pelos actos fúnebres, o sabevira Lelo Mpuka; o chefe dos mensageiros e cobradores de impostos, o chuanga Kamute Matega; o responsável pelos bichos, escravos encarregados das tarefas domésticas, o Jili Ngoro; os médiuns Nyazimbiri, Chatula e outros. Chicuacha, um pouco

afastado dos principais do reino, estava entre os demais de não menos importância. E todos, grandes e não menos grandes, chamados às pressas dos seus cómodos, entreolhavam-se, não surpreendidos, porque o acto já era esperado, mas embaraçados com a morte placidamente estampada no corpo de Gregódio.

O quarto não era de todo estranho a Chicuacha, pois nele entrara nos princípios da doença do Gregódio. E fora numa manhã. Os raios de sol infiltravam-se pelas frestas do tecto de palha e dispersavam-se pelo quarto amplo onde, além da cama artesanalmente trabalhada, pontificavam potes, cinzelados uns, lisos outros, cheios de raízes e folhas secas, zagaias, peles de animais, e lanças desordenadamente expostas. As espingardas de fabrico caseiro e de carregar pela boca que os nativos chamam de gogodelas ou gugudas, dependendo da pronúncia, alinhavam-se ao acaso, e em número de sete, pela parede à cabeceira da cama. Os acatemo espalhavam-se sobre as peles de cabrito e de leopardo que cobriam grande parte do chão de adobe. Na borda da cama, como que a precaver-se de qualquer incidente, estava a espingarda de percussão que Gregódio não dispensava nos seus adereços de rei, por ser moderna em relação às gogodelas e às espingardas de pederneira. A isso, e expostos sobre a corda que atravessava a largura do quarto, cresciam os panos das trocas comerciais e vários chimpotes que reluziam aos fiapos de luz, como estalactites brilhando em pequenas grutas de sombras fugidias que o quarto meio soturno projectava, dando ao aposento o tom lusco-fusco, próprio de lugares afeitos às refregas do amor, mas que Gregódio, assumido rei de um estado militar, transformara em cenário predilecto dos solitários e intermináveis conluios para a sua manutenção no poder, sentando-se na cadeira adornada com peles de leão e leopardo que ora,

com um ligeiro descair da mão direita, oferecia ao Chicuacha para se sentar.

Relutante, dissimulando tremores dos momentos de imprevisão, roçando com a calça de ganga uma bacia com chocalhos, afastando com o pé um acatemo, Chicuacha estendeu vagarosamente as mãos pelos braços da cadeira real, e assentou o traseiro com as cautelas de um intruso, com olhos atentos à desordenada geometria de objectos expostos no quarto, na luz difusa e silêncio carregado, objectos inertes. Era a África de sons e vozes ausentes. Era a África dos chocalhos e amuletos repousando num quarto soturno. Era a África de cores novas expostas num espaço preenchido por objectos que alguns chamariam de bricabraques, mas que ali assumiam um significado presente e não passado.

De cabeça recostada numa almofada feita de palha, Gregódio passava lentamente a mão esquerda pela cabeleira em caracóis. Os olhos, desgastados pela doença, assomaram na meia claridade do quarto, percorreram os longos cabelos de Chicuacha e detiveram-se nos olhos de um azul de céu de tarde limpa, sempre inquietos e vorazes, como os vira pela primeira vez há mais de dez anos no pequeno adro da igreja da vila de Tete.

- O que te deu, Chicuacha?
- Os teus ossos, homem. Eles dormem muito...
- Estão velhos.
- É preciso mexer o corpo.
- As dores não estão contigo.
- Espalharam-se pelo reino, Gregódio.
- É verdade... O tempo passa e não nos damos conta...

Agora que te vejo lembro-me do dia...

- Ainda me recordo.
- Tempos novos aqueles...
- Todos os tempos são novos, irmão.
- Mas cada um tem o seu.
- É verdade... Eras jovem...

– É... Era jovem.

A vila de Tete, nos então anos quarenta, cinquenta, do século dezanove, era uma pequena povoação com cerca de cem brancos que se intitulavam portugueses europeus, como forma de distanciarem-se dos mais de cento e cinquenta filhos de Goa que muito se orgulhavam de ser portugueses. O trato entre eles não era de todo cortês, por os brancos, incomodados com a presença sempre crescente dos canarins, chamarem-lhes, quando os nervos vinham à pele em momentos de infortúnio nas incumbências do comércio, judeus asiáticos pelas felizes e lucrativas artimanhas que tinham no trato com as mercadorias trafegadas, e outras ocupações ligadas ao comércio de panos e bebidas e diversas quinquilharias de maior e menor valia para os pequenos e grandes reinos do sertão africano. A falta de tacto no comércio devia-se, segundo os governantes portugueses conluiados com os baneanes – designação depreciativa que se dava aos canarins –, à indolência provocada pelo crescente e vergonhoso concubinato de brancos com as cafres da terra e as centenas de mestiças que despontavam, colorindo de alegria e ritmo o mapa racial de Tete. Mas os detratores, em geral governantes recém-chegados, cedo se rendiam aos encantos das negras e mestiças, deixando, amiudadas vezes, as poucas senhoras brancas na solidão dos quartos calorentos.

Tirando as explicações caluniosas, era facto que havia poucas mulheres brancas para o crescente número de brancos amancebando-se com devota paixão com negras e mestiças, que por força do casamento ou herança se tornaram donas de vastas terras, e governantes de muita riqueza e prestígio, como a Dona Josefina Castelbranco, filha de um antigo prazeiro com uma negra forra, que a jusante do Zambeze, e nas proximidades da garganta de Lupata, conseguiu ampliar a fortuna herdada graças, não só ao comércio com o interior e ao fornecimento de escoltas aos caçadores, mas também aos despojos, segundo as más-línguas, das barcaças naufragadas com

mercadorias que não conseguiam transpôr os rápidos e as inúmeras saliências rochosas que afloravam no leito do rio. Para outros, e a ter-se em conta o diz e não diz, a riqueza e fama da Dona Josefina deveu-se, em grande medida, ao tráfico sexual.

Era prática, na aringa da Dona Josefina, a comercialização de mulheres virgens especialmente treinadas para engrossarem os haréns dos senhores de terras, e eventuais caçadores e comerciantes. Ela comprava-as ainda imberbes e treinava-as nos complexos rituais da sensualidade e nos modos de estar em casas senhoriais. A coadjuvária estavam as inhacodas, que em prazos antigos desempenhavam o papel de chefes de mulheres escravas. A elas cabia disciplinar as noviças, amaciá-las e torná-las sedutoras e apetecíveis. As que não se prestassem, por relutância ou desprezo, eram entregues, como se ouvia dizer em lugares distantes como Tete ou Zumbo, por castigo e para servir de exemplo, a macacos especialmente adestrados para as desvirginar. Verdade ou mentira, tais práticas com símios nunca se confirmaram, e Chicuacha, nas suas deambulações pelo baixo Zambeze e no tempo já largo de estada nas terras da Dona Josefina, não pôde comprová-lo. Mas pôde atestar, por ter presenciado, o lançamento de escravos revoltados às águas infestadas de crocodilos. Era prática, em muitos reinos do interior, atirarem os insubmissos aos crocodilos ou submetê-los ao ordálio, prova que consistia na capacidade de resistência dos arguidos em culpa maior ou menor a uma bebida venenosa.

Ao tempo que Chicuacha conhecera Dona Josefina, esta era uma mulher de ancas abertamente perturbadoras e seios fartos ondulando sob os panos coloridos que animavam o sorriso aberto e malicioso que lançava aos visitantes. Quem a conhecesse de superfície dificilmente imaginaria que por detrás daquelas maneiras suaves ocultava-se um rosto autoritário e disciplinador.

Fora a actividade comercial corrente e da educação das virgens, ela transformara a aringa num discreto mas lucrativo

serralho. Os comerciantes, militares e funcionários coloniais que se faziam à propriedade, encontravam os leitões mais aquecidos da região. A aringa tornou-se, com o tempo, uma passagem obrigatória para os que a jusante ou a montante se deslocavam em direcção à Sena ou a Tete. A Dona era, aos olhos de todos, uma mulher respeitada. A vida de muitos dos notáveis passava, em matéria de alcova, pelas suas mãos e ouvidos. E poucos ousavam dizer, de forma aberta, que ela se amancebava com um preto membrudo que se fazia passar por guarda-costas. Aos olhos da época uma gentia que se casasse com um branco não podia amancebar-se com um preto serviçal. Mas ela não ocultava a sua paixão pelo preto Nazaré. Chegava a dizer que ninguém a podia admoestar pelo facto de ter um preto na cama, porque eles, homens brancos e canarins, não temendo a palavra do Senhor, quebravam o juramento feito no altar, amasiando-se com pretas ainda frescas, requestadas na sua propriedade. Porque não poderia ela, dona do seu nariz, ter um preto, se homens à sua altura rareavam? Ninguém, em abono da verdade, a criticava abertamente.

Assim a viu, altiva, má, generosa, Chicuacha, quando pelas terras do baixo Zambeze se aventurou em busca de um olhar sobre a África imaginada.

Na verdade, António Gonzaga, ou Chicuacha, muito antes de Gregório o ter acicatado a aventurar-se pelas terras do interior, já se havia entediado com a pacatez da vila de Tete. O apelo à aventura tocava fundo. No seu imaginário a África era mais profunda e densa que aquele povoado de ruas poeirentas, sombras dispersas, gente indolente, casas mortas ao sol, e o rio, largo e silencioso, espreitando e seguindo, com desdém, curva adiante, em direcção à costa. Para ele, aqueles sons tristes e secos que ecoavam em cada esquina, sobre as pedras e galhos que os cabritos teimavam em levar à boca, não eram a África do seu imaginário. A sua África era das densas encostas que iam diminuindo de densidade ao atingirem a planície de chitas velozes que cortavam a savana à caça

de gazelas que em saltos rápidos desapareciam na floresta de ramos densos, que se batiam quando bandos de pássaros se atiravam aos céus de nuvens brancas e dispersas. A sua África, sonhada e vista, era a das manadas de elefantes abrindo ruidosamente carreiros por entre a folhagem alta e verde, onde leões e leopardos se acoitavam, atentos e participantes no inevitável equilíbrio da mãe natureza, na caça de kudus e impalas e búfalos em cavalgadas vibrantes ao longo das savanas. A sua África estava nos misteriosos crocodilos que emergiam das turvas águas do Zambeze, espalhando-se depois em grupos, ao longo das manhãs, pelas margens onde diligentes pássaros os esperavam para a quotidiana limpeza de parasitas nos desnivelados e pontiagudos dentes que sobressaíam das largas e profundas mandíbulas. Essa era a África idealizada que foi avistando à medida que navegava a montante do rio, ao tempo da sua chegada ao continente e à região dos rios Sena e Tete.

De Sena a Tete, os canoeiros, em almadias ou em outras barcaças apropriadas, bastante experimentados nas navegações fluviais, sabiam como enfrentar as traiçoeiras correntes do rio que se tornavam fatais na época das chuvas. Mas em período bom a navegação fazia-se sem grandes sobressaltos, exceptuando os momentos em que os hipopótamos, querendo dar largas ao domínio que tinham das águas, mantinham os olhos à superfície, obrigando os canoeiros a parar e esperar, por largos minutos, que eles submergissem e voltassem a emergir, de modo a conhecerem a rota a tomar. Caso não fizessem essas paragens, bem ao gosto desses gigantes fluviais, corriam o risco de ver as canoas abalroadas.

Era frequente, em presença de uma manada, os canoeiros fazerem-se à margem e esperarem por melhores momentos, porque o mais perigoso nas andanças fluviais era as canoas interporem-se entre uma fêmea e a cria. Nesses momentos o instinto protector da fêmea vinha ao de cima na fúria expedida em mais de uma tonelada de peso. As canoas, quais

ramos sem direcção, revolteavam sobre as águas furiosas, deixando homens e mulheres a servir de pasto aos crocodilos que se refastelavam com a iguaria prendada. Fora esses inadvertidos contratemplos de imprecisa regularidade, a viagem, durante o dia, fazia-se com muito agrado. As canoas, em remadas compassadas, cortavam as águas ao som do canto dos homens que se imiscuía com natural entrosamento nas melodias que a natureza ofertava. A energia melódica brotando dos corpos negros e suados ritmava com o borbulhar das águas nos costados das canoas deslizando sobre as águas prateadas.

Por serem cenas jamais vistas, agradava ao padre apreciar os musculados e suados troncos negros dos canoeiros a reflectir a luz através das gotas de água que os remos atiravam às costas e braços, serpenteando depois pelas salientes veias despontando no alegre e natural esforço de remar as centenas de canoas que sulcavam as águas do rio Zambeze, transportando escravos e marfim, missangas e panos, dor e alegria. Eram braços, vozes, cantos, choros, era o rio, era o Zambeze da fortuna e da desgraça, abrindo-se por milhas e milhas de extensão.

Devido às correntes, sempre fortes em troços já conhecidos, a viagem de Sena a Tete fazia-se por mais de duas semanas. E era no decorrer do bom período de navegação que as centenas de ilhas desertas, geralmente submersas, se transformavam em postos de paragem ao longo das noites. Os canoeiros acostavam às margens baixas e imprecisas e, juntamente com os carregadores, apressavam-se em confeccionar o jantar feito invariavelmente de nsima, uma farinha cozida de cereais como o milho e a mexoeira, acompanhada de peixe seco ou fresco e, em algumas ocasiões, de carne seca trazida do interior.

Em geral, os indígenas, nas frequentes e animadas conversas em volta da fogueira, de tanto acharem natural a beleza circundante, não se extasiavam com o intermitente luzidir

dos pirilampos, a miríade de estrelas abarrotando o céu, o sussurro das folhas das árvores ou o longínquo rugir de um leão na savana dos predadores da noite. Eles pasmavam com o encantamento de Chicuaça ante o nascimento das ilhas de fogo com que os canoieiros e carregadores pintavam as noites ao longo do leito do Zambeze. Na escuridão das águas, era-lhe possível observar os intrigantes olhos dos crocodilos que à direita e esquerda perscrutavam os movimentos humanos. Seguros nos pequenos e confortantes pedaços de terra, os canoieiros pouca atenção prestavam aos reptéis das águas. Estes, silenciosos, reluziam os olhos enquanto as línguas de fogo iam, aos poucos, fenecendo com a madrugada que ia abatendo as estrelas.

Diferentes dos carregadores, os canoieiros envergavam túnicas sem mangas e um pano de chita, a que chamam de capunda, por volta da cintura e por cima de uma peça interior conhecida por negonda. Outros, mas poucos, envergavam calções. Em actividade eles apresentavam-se quase sempre de tronco nu.

A precaridade no vestuário condizia com as elevadas temperaturas, nada benéficas aos hábitos de padre que tanto o incomodaram, mas que, por religiosidade assumida e jurada, fazia questão, nos iniciáticos momentos de evangelização, de mostrar para diferenciar-se dos demais, de modo a que a ponte entre a terra e os domínios do Senhor ficasse demarcada na sua pessoa através das vestes que espantavam homens e mulheres que ostentavam com naturalidade os inocentes seios, as nádegas e as coxas, cobertas no enclave dos prazeres por uma tira que não conseguia tapar os encaracolados tufo de cabelo emergentes, que tanto perturbavam o seu espírito de padre. Jovem ainda, Chicuaça mal disfarçava a inquietude no rosto quando as veias do desejo iam entumescendo em presença das sorridentes negras. Para sua consolação a água tépida do rio ajudava-lhe a ablar as erupções nada condicentes com a sacralidade assumida.